

A escrita como agenciamento: explorando linhas de minoração

*Elizabeth Maria Freire de Araújo LIMA¹
Adriana Marcondes MACHADO²
Erika Alvarez INFORSATO³*

Resumo

Quais frequências sensíveis podem ser mobilizadas em processos de escrita? Duas linhas desdobram-se dessa questão, formulada no contexto de um Mestrado Profissional em Terapia Ocupacional: a insuficiência da língua escrita para nomear e dar passagem a dimensões da experiência trazidas para o âmbito da pesquisa, que carregam algo de indizível, e a insegurança perante o que se nomeia como escrita acadêmica. Refletiremos um processo vivido em uma disciplina desse programa de mestrado, atravessado pelas experiências da pandemia, do distanciamento social, do ensino remoto e do desafio de, em meio aos quadriculados da tela, fazer emergir um encontro entre corpos. A partir de exercícios de escrita foi possível criar intimidade entre escritoras e texto, fazer advir linhas de minoração que geraram deslocamentos naquilo que aprisionava a escrita e o pensamento e dar relevo à força da experiência na formulação das questões de pesquisa.

Palavras-chave: Ensino Remoto. Exercício de escrita. Mestrado Profissional. Terapia Ocupacional.

¹ Professora Associada. Curso de Terapia Ocupacional, Departamento de Fisioterapia, Fonoaudiologia e Terapia Ocupacional da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0590-620X>. E-mail: beth.lima@usp.br

² Professora Associada. Curso de Psicologia, Departamento da Aprendizagem, do Desenvolvimento e da Personalidade do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IPUSP). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5513-8723>. E-mail: adrimarcon@usp.br

³ Professora Doutora. Curso de Terapia Ocupacional, Departamento de Fisioterapia, Fonoaudiologia e Terapia Ocupacional da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0084-5682>. E-mail: erikainforsato@usp.br

Writing as assemblage: exploring lines of becoming minor

*Elizabeth Maria Freire de Araújo LIMA
Adriana Marcondes MACHADO
Erika Alvarez INFORSATO*

Abstract

What sensitive frequencies can be mobilized in the writing processes? Two lines unfold from this question formulated in the context of a Professional Masters of Occupational Therapy: the insufficiency of written language to name dimensions of experience that are brought into the research field, that carry something unspeakable; and the insecurity before what is named as academic writing. We will reflect on a process lived in this master's program that involved the experiences of the pandemic, of social distancing, of remote teaching, and the challenge of, amidst the squares of the screen, bringing out an encounter between bodies. Through writing exercises, it was possible to create intimacy between writer and text, to bring about lines of becoming minor that generated displacements in what imprisoned writing and thinking, and to highlight the power of experience in the formulation of students' research questions.

Keywords: Occupational Therapy. Professional Masters. Remote Teaching. Writing exercise.

La escritura como agenciamiento: explorando líneas de minoración

Elizabeth Maria Freire de Araújo LIMA
Adriana Marcondes MACHADO
Erika Alvarez INFORSATO

Resumen

¿Qué frecuencias sensibles pueden mobilizarse en los procesos de escritura? Dos líneas constituyen esta pregunta formulada en el contexto de una Maestría Profesional en Terapia Ocupacional: la insuficiencia del lenguaje escrito para nombrar dimensiones de la experiencia que se aportan en el campo de la investigación, que conllevan algo indecible; y la inseguridad ante lo que se denomina escritura académica. Reflexionaremos sobre un proceso atravesado por las experiencias de la pandemia, del distanciamiento social, de la enseñanza remota y del reto de, en medio de los cuadros de la pantalla, hacer emerger un encuentro entre cuerpos. A partir de los ejercicios de escritura, fue posible crear intimidad entre escritor y texto, propiciar líneas de minoración que generarán dislocaciones en lo que aprisiona la escritura y el pensamiento, y destacar el poder de la experiencia en la formulación de las preguntas de investigación.

Palabras clave: Ejercicio de escritura. Enseñanza remota. Másteres profesionales. Terapia Ocupacional.

Das circunstâncias

Um

Os encontros são remotos nos tempos de distanciamento social. E assim são, também, os compartilhamentos de saberes e aprendizados recíprocos que acontecem nas aulas das universidades. O que poderia emergir de vital em um encontro remoto? Haveria um paradoxo na própria expressão “encontro remoto”? Estaríamos falando, ainda, de um encontro entre corpos? Como, em meio ao quadriculado das telas, acessaríamos a eroticidade dos corpos, a intensidade dos contatos, o desalojar-se na direção do outro? Uma estudante conta que sente os laços que a ligam ao mundo e aos outros cada vez mais tênues, como se estivesse soltando-se da teia da vida...

Dois

Na Terapia Ocupacional da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (TO-FMUSP), começamos a implantar no ano de 2019 o Mestrado Profissional intitulado “Terapia Ocupacional e Processos de Inclusão Social”. Um ano depois, fomos atravessadas pela pandemia. Um processo de desterritorialização brutal para todas fez se desencaixarem os projetos de pesquisa que, em sua maioria, voltavam-se para campos de prática. É frequente escutarmos que as terapeutas ocupacionais fazem coisas incríveis por onde passam, mas é difícil colocar em palavras aquilo que fazem. Nos anos de 1980 havia poucos textos de terapeutas ocupacionais brasileiras e os textos vindos dos países do norte global faziam pouco sentido para profissionais que estavam envolvidas com a redemocratização do país, a construção do SUS e do SUAS, a luta pelos direitos das pessoas com deficiência, as experimentações da luta antimanicomial e da reforma psiquiátrica, a proposição da cultura como direito. De lá para cá começou-se a pesquisar a prática e buscar palavras para dizer o que se faz, numa associação com abordagens críticas das questões envolvidas na profissão. Era evidente que havia uma inadequação entre a forma de atuar, os problemas de que trata, os instrumentos e procedimentos da terapia ocupacional e a concepção biomédica que limitava os campos de visibilidade e dizibilidade envolvidos nas práticas da profissão e nos saberes localizados e corporificados. Esse problema é comum às escritas que buscam dar passagem a mundos em emergência num encontro, e permanece a nos provocar.

Três

Durante o ano de 2020, as orientandas desse mestrado profissional diziam que a escrita lhes havia abandonado. Entre as aulas, as orientações remotas e a experiência crua nos serviços de saúde, o medo do contágio, as mortes, o desmantelamento dos serviços e a desestruturação dos campos de

LIMA; MACHADO; INFORSATO.

pesquisa sonhados colocaram seus corpos voltados para a urgência de responder ao apelo emergencial das vidas. Uma paralisia, ou uma movimentação inquieta que não permitia caminhar, caracterizava o processo da escrita e da pesquisa: as línguas conhecidas não eram suficientes. Talvez possamos pensar que o corpo tomado pelo excesso não consegue dizer, a narrativa se perde e com ela a experiência, como indicou Walter Benjamin (1987), sobre os combatentes da 1ª Guerra Mundial que teriam voltado silenciosos do campo de batalha, mais pobres em experiências comunicáveis.

Quatro

Estamos juntas, no segundo semestre de 2021, ministrando uma disciplina de acompanhamento de projetos nessa pós-graduação – uma disciplina referente à discussão metodológica –, propondo exercícios de escrita para as mestrandas. Exercícios para abrir espaço para que afetos possam se dizer e para escavar, no cotidiano do trabalho e da vida, acontecimentos que insistem em germinar. A escrita é ato em um campo de forças. Visando ao deslocamento naquilo que imobiliza e naturaliza o pensamento, a escrita é tomada como forma de variar o pensamento ao agir na relação de si para consigo. Esse si será referido, também, à singular grupalidade criada com a disciplina, em que se reuniram estudantes para pensar a questão da pesquisa em Terapia Ocupacional. Assim, essa grupalidade será tomada como uma existência a ser refletida.

Começar:- questões direcionadas à disciplina

Trabalhamos em uma disciplina, oferecida em ambiente remoto, que visa a abrir um espaço para o acompanhamento coletivo de projetos de pesquisa referentes ao Mestrado Profissional. Nessa disciplina temos cinco aulas para enfatizar a escrita como procedimento do pesquisar. Somos onze estudantes de pós-graduação e três professoras – duas do curso de Terapia Ocupacional e uma de Psicologia. Chegariam, ainda, mais dois estudantes que não puderam vir para esse primeiro dia. O mestrado profissional é um programa de pós-graduação para pessoas que trabalham na área. Nesse caso, mulheres, terapeutas ocupacionais. Na disciplina, estavam inscritas terapeutas ocupacionais que cursam o Mestrado Profissional e um homem, médico, de um outro curso de pós-graduação da mesma Faculdade. Os temas que lhes interessam: a velhice, a infância, a vida encarcerada de jovens pobres, as marcas que se produzem na clínica, os entrecruzamentos de campos/áreas – saúde, educação, trabalho –, os protocolos de atendimento e avaliação, o cuidado e o reconhecimento dessa ação como trabalho.

Disparamos o curso com a seguinte proposta: convidamos as participantes para que, em 20 minutos, redigissem as questões em relação à escrita que cada uma delas endereçava a essa disciplina.

A escrita como agenciamento: explorando linhas de minoração
Por estarmos em plataforma de videoconferência, pedimos que todas escrevessem seus e-mails no chat e que cada uma escolhesse uma guardiã para quem encaminharia uma mensagem com esse escrito. Em seguida, faríamos um compartilhamento desses escritos, e a guardiã leria em voz alta o texto recebido, mantendo o anonimato de quem escreveu.

Durante a leitura compusemos uma produção comum em que inserimos palavras e frases em uma página de uma lousa digital, disponibilizada por aplicativo. Os pequenos textos escritos e lidos foram inseridos em um drive e, assim, começamos a construir um Caderno Coletivo da disciplina no qual, entre uma aula e outra, as pessoas acrescentavam materiais escritos e comentários sobre as experiências vividas. Assim foi, nas cinco aulas.

O que surgiu nesse primeiro exercício escritural?

Uma expressão insistia a cada leitura: “escrita acadêmica”, associada a uma ideia de texto, e em particular de texto acadêmico, muito limitada e formatada. Esse apontamento levava a outros que enunciavam uma necessidade de “organizar a escrita”; uma exigência de que ela fosse “clara”, “objetiva”, “linear”, “apurada”; uma ansiedade em relação aos “prazos” e à necessidade de submeter uma publicação em revista bem indexada. O verbo “dever” se impunha nesse exercício: a forma imaginada (ou imaginária) da escrita exigia das escritoras o que deveria ser um texto acadêmico, definindo, antes do ato de escrever, como essa ação se daria e os resultados que deveria fazer emergir. A escrita acadêmica aparecia atrelada à desconfiança (de si e da própria escrita), à insegurança e ao medo, à inacessibilidade, a uma distância da experiência de escrever e a uma sensação de desvantagem. Um sentir-se menos.

As inquietações em relação aos temas pouco cabiam. Havia uma cobrança de rápida passagem das inquietações para um raciocínio a ser transformado em texto objetivo e, assim, a complexidade do vivido tendia a uma restrição. A distância dos teclados, a escrita que não vem, os engasgos e as hesitações eram tratados como problemas a serem sanados. A questão não era tanto sentir que o vivido não cabia, mas tratá-lo de forma reducionista e, assim, não ter o que dizer, travar.

As leituras das guardiãs se fizeram encadeadas, com intervalos de silêncio e emoção. Sem conversas ou comentários. Com espera e escuta das entregas, em suas diferentes tonalidades, numa estratégia de deixarmos nos receber a dissonância das formulações, dos estilos e das enunciações dispostas num espaço-tempo planejado. Em meio às leituras, num certo momento, alguém leu um trecho que versava sobre sentir-se em desvantagem e viver inseguranças. A guardiã-leitora se emocionou ao ler, embargou a voz. E, entre os espaços dos quadrados da tela, um silêncio conectou todas, havia um estranho acolhimento, já nesse primeiro encontro, advindo possivelmente de uma

cumplicidade com o que era dito, com o que se escutava.

[...] é porque, quando submetemos os elementos linguísticos a um tratamento de variação contínua, quando introduzimos na linguagem uma pragmática interna, somos necessariamente levados a tratar da mesma maneira os elementos não-linguísticos, gestos, instrumentos, como se os dois aspectos da pragmática se reunissem, na mesma linha de variação, no mesmo continuum. Além do mais, de início, talvez a ideia tenha vindo do exterior, a linguagem não fez senão seguir, como acontece nas origens necessariamente exteriores de um estilo (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 41-2).

A dimensão corpórea se mostrou nessa cena, acentuando a vivência paradoxal de uma situação de aprendizagem por plataforma digital. Aquilo que parecia duvidoso inicialmente, já nesse momento se encarnou, fez-se corpo pela emoção percebida e compartilhada por todas as presentes. O que se vivenciava ali, na relação com a linguagem, era presencial.

O anonimato dos textos, que marcou a leitura na atividade proposta, contribuiu para que as questões viessem à tona num plano de produção comum. A dimensão da impessoalidade que se tentava instaurar com esse exercício parecia sustentar-se em ambivalência, considerando que havia distância e estranheza nas leituras, mas, também, identificações, mobilizações projetivas que faziam coincidir e, assim, compensar a escrevente e a leitora, nessa distância. Analisando a posteriori, é possível pensar que esse exercício inaugurou sutilmente uma proposição, que seguiu intensificando-se nos exercícios subsequentes da disciplina. Uma possibilidade de relação com a escrita que aponta a transversalidade do pensamento, sua consistência efetuada pelas singularidades que o constituem e que dele advêm, prescindindo das identificações pessoais, e aportando a experiência nesse plano de produção comum em que cada escrevente percebe que a escrita não é prerrogativa de seu eu, mas encarnação de um outro sempre em devir.

Escrever para mim é na maioria das vezes conduzido e exigido pelas marcas: dá para dizer que são as marcas que escrevem. Aliás só sai um texto com algum interesse quando é assim. Aí escrever traz notícias das marcas e tem o poder de ampliar minha escrita para suas reverberações: é como um escafandro que possibilita mergulhar no estranhamento com mais coragem e mais rigor.

É um modo de exercer a escrita, em que ela nos transporta para o invisível, e as palavras que se encontram através deste exercício tornam o mais palpável possível, a diferença que só existia na ordem do impalpável. Nesta aventura encarna-se um sujeito, sempre outro: escrever é traçar um devir (ROLNIK, 1993, p. 244).

Após um breve intervalo, voltamos à tela e conversamos, retomando a produção comum que se desenhou com as ideias formuladas por cada um dos escritos e tramando-as com as propostas que trazíamos para o percurso dessa disciplina. Configuramos, assim, o território que iríamos habitar nos próximos quatro encontros. Nesse território, a vivência de inseguranças, medos e assujeitamento foi acolhida junto ao movimento principal da proposta de escrita a partir da experiência, destacando

A escrita como agenciamento: explorando linhas de minoração potenciais presentes em ideias e histórias da vivência profissional.

Colocávamos como questão a escrita durante um curso de pós-graduação, destacando, ela própria (a escrita), como uma problemática para dedicarmos-nos nesse processo. Nesse primeiro momento, ela aparecia atrelada à necessidade de coerência e à sensação de desautorização (ou necessidade de autorização) sobre os escritos e dizeres, referida a alguma forma que precedia sua experiência.

Inevitavelmente, chegamos à formulação: como se escreve?

E... pudemos começar a pensar o escrever como ato contínuo: reescrever, reescrever, reescrever... E o estilo enquanto um agenciamento de enunciação, aquilo que inelutavelmente faz língua dentro da língua (DELEUZE; GUATTARI, 1995). O estilo, ligado à impessoalidade, ao desafio de fazer arranjos com as singularidades dispostas, nesse caso, pela prática profissional intencionada a fazer-se pesquisa, tornando marcante a potência de quaisquer elementos presentes nessa disposição.

Desenhar um problema comum

A motivação para essa experiência, desenvolvida em uma universidade pública, tomando a escrita como ferramenta central do trabalho acadêmico, se fez de modo a habitar um campo problemático que se constitui entre a pesquisa, o pensamento, a linguagem e a vida.

Entender as produções macro e micropolíticas da atividade de pesquisa é condição para buscarmos estratégias que rachem o assujeitamento. A homogeneização dos modos de reprodução do pensamento fabrica corpos adoecidos de pesquisadores que, muitas vezes, consomem medicações para dar conta das tarefas acadêmicas (MACHADO; HAHNE; MARTINEZ, 2020).

Interessava, na condução dessa experiência, trazer as discussões sobre a consolidação dos problemas referentes às pesquisas e à escrita. Já no primeiro exercício, a emergência da noção de dívida aproximava-se, como propõe Kastrup (2010), a um imperativo de produção dentro de um conjunto de normas cada vez mais restritas. A sensação temporal de constante atraso em relação a um ideal inatingível que fabrica um sujeito endividado (DELEUZE, 1992) em meio a um modelo de produção que se organiza de maneira mercadológica.

A proposição de Preciado (ROLNIK, 2018) acentua essa perspectiva ao reconhecer os efeitos tóxicos disso em nós: não atenuar a dor, mas “entender a natureza micropolítica do mal-estar e permanecer ali juntos, para poder imaginar estratégias coletivas de fuga e de transfiguração” (p. 17). E, aqui, essa toxidade pode ser pensada em relação à desautorização do pensamento. A língua, como

LIMA; MACHADO; INFORSATO.

um plano de investimentos capitalísticos, mostra-se como um campo de batalha, e as formas de controle que se dão no processo da pesquisa exigem esforços linguísticos.

Poderíamos dizer, ainda, que essa operação desobedece a normatividade predominante dos funcionamentos acadêmicos e que, nesse sentido, não há revolta intelectual que não seja também, de alguma forma, uma revolta linguística, uma revolta no modo de nos relacionarmos com a linguagem e com o que ela nomeia. Ou seja, não há maneira de “pensar de outro modo” que não seja, também, “ler de outro modo” e “escrever de outro modo” (LARROSA, 2003, p. 102).

Em seu conjunto, as discussões sobre processos de escrita, tanto as que fomentaram a proposta da disciplina quanto as que se fizeram durante os exercícios, permitiram agir na potência de indeterminação micropolítica, desejante, de maneira a fortalecer relações com o campo. São pesquisas que se debruçam em questões do cotidiano buscando impedir generalizações e favorecer a participação de forma não-ingênua no campo de forças em que as formas de pensar, sentir e agir se constituem. Uma posição não-ingênua requer perceber-se em cena na forma como as problemáticas são tratadas, no modo como são construídas. Implica enfrentar esse engendramento em que “há um espaço de indeterminação não redutível a uma lógica simplista de causa-efeito, que joga na imprevisibilidade e na consciência do inacabamento dos processos históricos” (NUNES, 2018, p.429). Portanto, implica enfrentar a própria constituição sensível e singular dos problemas.

Em todo o percurso, a proposta manteve como foco abrir espaço para problematizar a escrita como procedimento, e o caráter profissional do programa foi elemento a ser sempre ressaltado, para não perder de vista a centralidade da prática no processo de pesquisar, já que grande parte das questões para investigação era emergente da experiência direta com o campo profissional. Essa centralidade foi trabalhada com maior ênfase a partir dos exercícios de escrita endereçada formulados e discutidos em reuniões semanais entre as três ministrantes.

Experimentar uma escrita endereçada

Mobilizadas pelas questões que apareceram na primeira aula com o exercício dos escritos direcionados à disciplina, com cada estudante resguardada em seu anonimato por colegas escolhidas afetuosamente como guardiãs, nas duas aulas seguintes ampliamos o exercício e propusemos uma escrita endereçada na forma de cartas.

O exercício de escrita endereçada proposto tem sido desenvolvido em outras atividades de pós-graduação e foi inspirado em um percurso de trabalho com estudantes de graduação que produzem cartas-relatórios e reflexões coletivas que visam a romper com discursos prescritivos e reducionistas

A escrita como agenciamento: explorando linhas de minoração (MACHADO; FONTANA, 2020). A escrita nas pesquisas, tomada como tema na formação dos alunos de pós-graduação, tem os objetivos de ampliar a análise das situações-problema que deflagram os temas de pesquisa e problematizar o enfraquecimento da autoria em trabalhos acadêmicos que repetem, muitas vezes, formas-fórmulas referidas a uma pós-graduação submetida a funcionamentos protocolares, acelerados e tecnicistas (MACHADO, 2021).

No âmbito da experiência oferecida pela disciplina do Mestrado Profissional da TO, iniciamos o exercício de produção de escrita endereçada propondo, na segunda aula, que cada estudante-pesquisadora escrevesse uma situação-problema relacionada ao tema de sua pesquisa. Depois de escritas, as situações-problema foram lidas para o grupo. Após a leitura, todas contribuíram para elencar elementos presentes no texto (elementos que podiam ser pessoas, coisas, verbos, adjetivos, fantasmas, fantasias, sensações, sentimentos e estados do corpo, entre outros). O rol de situações e elementos delas decorrentes começou a adensar o campo experimental da disciplina, permitindo a viragem da expectativa estereotipada de uma escrita acadêmica protocolar para uma aguda conexão com a complexidade presente nos problemas de pesquisa e com a escrita como forma de tratá-los e compartilhá-los.

[...] Um adolescente vive uma doença de forma terminal. Elementos: a casa, os familiares, as perdas, o cotidiano, a quimioterapia, os médicos, a adolescência, o hospital, a dúvida, a solidão, o desejo de liberdade.

[...] Uma cuidadora indaga sobre quem cuidará dela. Elementos: sobrecarga, mulher, Chile, marginalidade, cuidado de voluntárias, Fundação, tempo, vizinhas, visitas, olhar nos olhos, cansaço, cuidadora, escala, câncer.

[...] Um homem com esclerose amiotrófica ganha autonomia com a necessidade de implantação do teleatendimento. Elementos: Tecnologia Assistiva, falar, pandemia, esposa, autonomia, escrever, cuidadora, pai, COVID, redes sociais.

[...] Jovens em atendimento de Saúde Mental em Caps, com dificuldade de construir territórios de vida que não sejam os de “encarceramento”. Elementos: acolhimento, saúde mental, rede, determinantes sociais, Caps II, desejos, direitos, criança, desorganização, sonho, voz, gênero, moça, suportar, maioridade, 18 anos, ruas, vida fora.

[...] Mãe relata sobre o filho a partir de sua inquietação, do diagnóstico médico de TDAH, e da indicação para várias terapias específicas. Elementos: normalidade/anormalidade, estereótipos, inquieto, não faz nada direito, médico, terapias, necessidades x demandas, socializar, brincar, história de vida, encaminhamento, acolhimento inicial, quem é esse filho?, mãe, o lugar da comunidade, como

LIMA; MACHADO; INFORSATO.

identificar espaços de produção de saúde para além dos serviços de saúde, TDAH, internet, pesquisa, escola, TEA, Caps IJ.

[...] Uma mulher idosa, usuária de Centro de Convivência, tem sua rede de apoio interrompida pela pandemia, ocorrendo o impedimento das atividades presenciais aciona com frequência os aplicativos de celular na tentativa de suplantar a solidão. Elementos: mensagem, ligação, ruptura, pandemia, tecnologia, rede de apoio.

[...] Em reunião de equipe, profissionais indicam a terapeuta ocupacional para coordenar a implantação de oficinas de geração de renda e, a seguir, indagam sobre a especificidade da prática da TO com geração de renda. Elementos: oficina, equipe técnica, renda, especificidade, TO, transtorno mental, questionamento, Caps, reunião.

[...] Pai traz o filho para oficina em equipamento de Saúde Mental e fica em pé ridicularizando o filho e a proposta oferecida, composta por brincadeiras. A terapeuta escreve depois do atendimento, *isso dói*, e se pergunta o que fazer. Elementos: pai, ambulatório, violência, filho, em pé, ferida da TO, brincar.

[...] Um menino que chega ao Caps em uma ambulância está contido, alterado, grita que quer tomar banho de caneco e dá um tapa no rosto da profissional que o leva para o chuveiro. Elementos: caneco, tapa, desconfiança, água, ambulância, contenção.

Uma vez contemplado o levantamento de elementos implicados em cada situação, predominava uma disposição de produção de sentidos, como se o engajamento e a disponibilidade de todas as estudantes-pesquisadoras nas propostas da disciplina indicassem uma conexão com a própria possibilidade de escrever o que está chamando para ser escrito. O enredamento com a escrita idealizada, protocolar e tecnicista prosseguia presente, mas um estado de atenção imantava o grupo, e todas se mostravam disponíveis e desejosas para os próximos passos do exercício, intuindo aberturas potencializadoras de alguma outra escrita que pudesse também ser considerada acadêmica.

A seguir, pedimos que, além de elencar esses elementos, nos dissessem o que contornariam como problemático em cada situação. Surgiram dúvidas sobre como agir nessas situações: o que fazer quando uma vida está sendo interrompida? Como acolher a demanda por tratamentos específicos no Caps? Como validar o dispositivo tecnológico em sua eficiência estando sob restrição impositiva de contatos? Essas indagações atraíram o corpo das terapeutas ocupacionais como elemento presente na construção das situações-problema. Vale ressaltar que, nos elementos inicialmente elencados referentes às situações-problema, chamou a atenção a ausência das próprias pesquisadoras-trabalhadoras entre esses elementos.

A escrita como agenciamento: explorando linhas de minoração

No encontro seguinte, ocorrido na terceira aula, seguimos para uma nova etapa da proposta e pedimos que cada uma escolhesse dois dos elementos listados nas situações-problema para escreverem uma carta: um elemento ocuparia o lugar de remetente e, o outro, de destinatário.

Foi reservado o tempo de 30 minutos para que cada uma escrevesse essa carta. Depois de as cartas terem sido escritas, nos juntamos em grupo novamente e recolhemos a informação sobre quem foram os remetentes e os destinatários em cada uma das cartas: o caneco escreveu para o profissional da saúde que insistia em que o banho fosse no chuveiro; o brincar escreveu para as terapias; o sonho, para uma jovem que vivia na rua; a doença, para o benefício de prestação continuada; o cotidiano escreveu para o adolescente doente que se confrontava com a morte; a terapeuta ocupacional para a equipe técnica; a pandemia para a autonomia; o pai para a ferida da terapeuta; a sobrecarga para a Fundação; a ruptura para a rede de apoio; a professora para o aluno.

Nessas variações, surgiram cartas-denúncia, cartas-pedido, cartas-afirmação, cartas-demanda. Foi importante apontar nesse exercício que não há carta ruim, no sentido que todas elas fazem parte de um jogo de escrita que amplia a análise da situação constitutiva da problemática em que a pesquisadora/escritora está imersa.

Demos início, então, a outra etapa do exercício de escrita: perguntamos quem poderia ocupar o lugar de destinatário de cada uma das cartas. Assim, todas as cartas foram entregues para serem lidas silenciosamente de modo a fazer advir efeitos que a escrita operaria no leitor.

Dado um tempo, cada leitora nos contou sobre os efeitos vividos com as cartas: o caneco pediu para os profissionais de saúde lembrarem daquilo que, na dor, ocupa um lugar de vida e produção de sentido; o adolescente com doença terminal ficou bravo, pois o cotidiano esperava muito dele; o benefício de prestação continuada reclamou que a doença não percebia que não havia dinheiro suficiente.

A conversa que se deu, a partir dos efeitos que as leituras das cartas produziram, ampliou a discussão sobre as situações-problema deflagradoras das questões a serem pesquisadas e deu destaque à presença daquelas que escrevem as cartas nas situações narradas. A cada reverberação o grupo apreciava as convergências e divergências entre as sensações de quem escreveu e de quem leu. *Nada nessa vida é só o que a gente vê e pensa*, dirá a leitora da missiva escrita pelo caneco ao profissional de saúde, que abria a possibilidade de formular a questão: como ampliar a sensibilização para os sentidos que se criam quando, por exemplo, um jovem contido pede um banho de caneco? E assim seguiu a conversa com cada par escritora-leitora.

Percebemos três tipos de deslocamentos operados por esse exercício de escrita: (1) em relação

LIMA; MACHADO; INFORSATO.

aos discursos e formas de escrita, a discussão sobre os efeitos das leituras nos destinatários deu relevo a uma tendência prescritiva na forma de pensar e também produziu uma proximidade com a experiência de que escrever é ação no mundo; (2) em relação às situações-problema elencadas, a conversa sobre os elementos ampliou o campo de análise sobre o agenciamento heterogêneo em que se constroem as relações presentes em sua multiplicidade, incluindo pessoas, saberes, objetos e outros elementos não humanos (a terapeuta ocupacional e o brincar / o agito e o brincar / o Caps e outros espaços da região...); (3) em relação aos efeitos do exercício nas pesquisadoras, a possibilidade de intensificar o olhar para uma situação-problema particular convidou a uma derivação de uma escrita genérica, que tende a um ciclo vicioso, para uma narrativa singularizada.

O escriba que lê, o leitor que escreve

O percurso se desdobrou em outros dois encontros. Na quarta aula, demos continuidade à exploração dos efeitos dos textos nas leitoras propondo que as participantes trouxessem textos que, de alguma forma, as impactassem. A proposta era de que cada uma escolhesse, para compartilhar com o grupo, um texto ou um trecho de um texto cuja leitura tivesse constituído um acontecimento e/ou que pudesse ser uma referência para o próprio processo de escrita e voltasse à leitura do texto para identificar o efeito sobre si, relacionando estilo e afetação.

Iniciamos perguntando sobre o trabalho de busca e escolha dos trechos: que critérios foram utilizados? O que convocava com mais força: um conteúdo importante ou uma forma de escrever?

As estudantes exploraram textos que tinham lido para fazer o projeto; olharam livros de que gostavam; cruzaram textos acadêmicos e textos literários. Estávamos procurando as variações produzidas nas leituras. Algumas estudantes relataram terem sido tomadas por textos que provocaram desestabilização. *Será que vocês querem saber disso?* Pediam, assim, licença para ler.

Combinamos uma “leitura de rádio”: cada uma lia o trecho escolhido, sendo seguida por outra, sem comentários entre as leituras, como um giro pelo dial (botão sintonizador), que provoca saltos entre diferentes frequências de ondas.

O primeiro trecho lido trazia um texto literário, com certa dose de comicidade. Era um trecho de *Monólogos da vagina*, lido em espanhol. A língua estrangeira acentuava a sensação de estranheza do texto, entre o cômico e o trágico, e seu caráter combativo de luta política. A condição das mulheres emergiu como questão. “Cuando se rompe el silencio, te das cuenta de cuánta gente esperaba el permiso para hacerlo. Nosotras, las mujeres de toda clase y condición, todas y cada una de nosotras y nuestras vaginas, no volveremos a ser silenciadas” (ENSLER apud MPTO-FMUSP, 2021).

A escrita como agenciamento: explorando linhas de minoração

Uma leitura chamava outra. Uma estudante escolheu o trecho de uma dissertação de mestrado que, trabalhando com o testemunho, tematiza a violência sexual a partir da própria experiência (CAMARGO, 2016). Um texto forte que fazia gritar o silenciamento operado nessas situações. Depois dele, seguiu-se a leitura de um conjunto de textos que tratavam de situações extremas, criando língua e dando passagem a experiências que as estudantes nomearam como insuportáveis. Alguém leu um texto escrito em primeira pessoa que contava um suicídio na adolescência. O clima ficou tenso, o choro ganhou lugar na leitura de uma das participantes.

A intenção da proposta era conversar sobre como a construção desses textos provocava o leitor em uma determinada direção. Pretendíamos que emergisse uma discussão da relação entre o estilo do texto e os modos como nos afetava. Mas o impacto com os textos trazidos e lidos evidenciou a intensidade e a complexidade dos problemas tratados neles e também nas pesquisas das estudantes, sua dimensão insuportável, tal como trazido por elas. Como no escrito de uma das estudantes, registrado no Caderno Coletivo: “Explosão, silêncio, a magnitude de uma semiautomática disparando sensibilidade pelas dores vistas e contadas, narrativas... Saio mais uma vez do meu lugar, das minhas emoções e mergulho nas leituras compartilhadas” (MPTO-FMUSP, 2021).

Evidenciava-se, também, a dificuldade, para esse grupo, de encontrar palavras e formas de dizer para problemas agudos e urgentes que pediam outras línguas e linguagens. Um texto, tratando da fotografia, trazia a potência das linguagens plásticas para dar contorno e sentido para o que parece não ter cabimento:

As fotografias são tecidos, malhas de silêncios e de ruídos. [...] são memórias, histórias escritas nelas, sobre elas, de dentro delas, com elas. É por essa razão, ainda, que as fotografias se acumulam como tesouros, dentro de pastas, de caixinhas, de armários, que elas se escondem dentro de uma carteira. Elas são nossos pequenos refúgios, os envelopes que guardam nossos segredos. As pequenas peles, as películas, de nossa existência (SAMAIN apud MPTO-FMUSP, 2021).⁴

E um trecho emergiu, parecendo estar ali para cuidar do acontecimento grupal, tratando dos medos e convidando a seguir:

Diz-se que, mesmo antes de um rio cair no oceano ele treme de medo. Olha para trás, para toda a jornada, os cumes, as montanhas, o longo caminho sinuoso através das florestas, através dos povoados, e vê à sua frente um oceano tão vasto que entrar nele nada mais é do que desaparecer para sempre. Mas não há outra maneira. O rio não pode voltar. [...] O rio precisa se arriscar e entrar no oceano. E somente quando ele entra no oceano é que o medo desaparece. Porque apenas então o rio saberá que não se trata de desaparecer no oceano, mas tornar-se oceano (OSHO apud MPTO-FMUSP, 2021).

LIMA; MACHADO; INFORSATO.

Respiramos e começamos a conversar sobre o efeito, no grupo, dessa leitura em conjunto. Foram levantadas questões sobre o risco de naturalização e dessensibilização diante da dor do outro, a depender de como o tema é trazido, e as identificações com o que é relatado nos textos e sua relação com a forma como eles nos tocam. Houve pedido de desculpas pela escolha de trechos difíceis de se entrar em contato e a afirmação da escrita como possibilidade de mediação do insuportável, evidenciando sua dimensão de cura – entendida como movimento processual –, e de produção de deslocamentos.

A convocação da escrita pelo vivido se mostrava mais relevante do que sua forma idealizada. Pensamos e escrevemos porque somos forçados por uma necessidade vital de nos envolvermos com algo. O problemático irrompe de uma experiência. A linguagem e o pensamento são tomados como territórios de guerra e de criação de sentidos (RIBEIRO, 2017).

Ao mesmo tempo, alcançar uma escrita que se faça à altura do acontecimento exige tempo e disponibilidade para se deixar marcar por aquilo que fere (LIMA; ARAGON, 2010). Estaria o imperativo do formato acadêmico protegendo as terapeutas-pesquisadoras de mergulhar no plano das sensações caracterizado pelas suas experiências cotidianas em serviços públicos de saúde e assistência social e acessar assim um devir-escritora?

Novas questões se constituíram e convergiram à construção de possibilidades de deslocamentos sutis e delicados das expectativas idealizadas e submetidas a um modelo imaginado de como escrever na academia, para um desejo de escrever, interessado na frequência de planos intensivos. Essa frequência possibilitou acessar a produção de sentido no ato de escrever e colocar em análise as linhas minoritárias (DELEUZE; GUATTARI, 1996) que geralmente estão fora das questões de pesquisa; preocupar-se menos com o acabamento do texto e mais com sua vitalidade, sua pulsação na relação com os problemas, na experimentação das frequências sensíveis de uma escrita-dispositivo que possa compor os desenhos de onde se está.

Efeitos, deslocamentos e reverberações

O plano que gradualmente foi se instaurando a partir dos exercícios dispôs a pesquisa como elemento estético-inventivo, no sentido de ser paradoxalmente dispensável e comprometido com os mundos que se criam para que muitos mais possam existir. Um elemento qualquer, que poderia não estar ali, quando emerge, pode fazer diferir a vida, as vidas. Isso convoca um pesquisador a um compromisso e uma posição em que abdica da ambição por uma resposta/verdade totalizada como resultado de pesquisa e abstém-se de inscrevê-la numa região estabelecida (partidária,

A escrita como agenciamento: explorando linhas de minoração institucionalizada, corporativa), o que, paradoxalmente, impediria o pesquisador de se manter ativo na problematização de sua experiência e, conseqüentemente, o próprio pesquisar. Manter-se ativo e crítico em seu processo de pesquisar libera para mostrar impasses, regiões nubladas, dúvidas e afirmá-las como mais interessantes para o funcionamento das coisas vivas do que as respostas ou as certezas, ao modo do que Isabelle Stengers (2018) entende como uma ecologia política, acentuada por uma proposição cosmopolítica.

A ecologia política se situa, pois, na perspectiva do que poderíamos chamar de uma “utopia”, mas existem inúmeros tipos de utopia. Algumas permitem fazer a economia do mundo em nome de uma promessa que o transcende. Outras, e é o caso aqui, pensamos, incitam a se dirigir a este mundo com outras questões, a resistir às palavras de ordem que o apresentam como “aproximadamente normal”. A utopia não autoriza, portanto, a denunciar este mundo em nome de um ideal, mas propõe uma leitura dele indicando por onde poderia passar uma transformação que não deixe ninguém intacto, isto é, que coloque em questão todos os “teríamos apenas que...” que designam a simplista vitória dos bons contra os maus. E a proposição cosmopolítica reitera esse tipo de utopia, carregada pela memória de que vivemos em um mundo perigoso, onde nada é óbvio (STENGERS, 2018, p. 452-3).

Ainda que pontual, a oferta da disciplina e a escuta das estudantes participantes possibilitaram mapear algumas das singularidades que marcam a experiência de terapeutas ocupacionais com a pesquisa, percebidas na trama tecida pela sacralização da escrita acadêmica, pelo combate à desqualificação do trabalho da Terapia Ocupacional e pelas dificuldades de inscrição da prática profissional no ideal da produção científica.

Uma das estudantes menciona no caderno da disciplina o contraste entre a potência percebida na atuação profissional e a insuficiência sentida no momento da escrita para a dissertação. No decorrer das aulas, essa ambivalência apareceu em imagens e enunciações variadas e foi problematizada nos exercícios propostos que, de algum modo, fortaleceram configurações sensíveis de resistência e afrouxaram formatações enrijecidas de assujeitamento. Trabalhamos, em sala de aula, a partir das questões de pesquisa que eram diretamente relacionadas à prática profissional. A disciplina deu relevância a cada contribuição que pode ser pensada e escrita de modo comprometido com a experiência, assumindo um combate com as formas imaginárias e idealizadas do texto acadêmico, deixando caber o vivido.

Este embate é posto em movimento e decidido quotidianamente a cada vez que pensar, perceber, sentir, mas também agir, falar e escrever são mobilizados e um bloco imagético a eles se articula, ora atualizando formas de vassalagem livre, ora contra efetuando-as; instante em que estilo e criação jogam a cartada decisiva, aquela em que se enfrenta o esquema sensível da moldura cultural, fugindo-lhe ou a ele se rendendo (GODOY, 2011, p.2).

LIMA; MACHADO; INFORSATO.

Na quinta e última aula, propusemos escrever e escutar os deslocamentos que se operaram na relação com a escrita e na formulação dos problemas de pesquisa. Os comentários e testemunhos apontavam para a possibilidade de maior intimidade entre as pesquisadoras e os processos escriturais e para uma percepção de si mesmas como aprendizes da potência que pode ser acionada ao confiar no pensamento que se dá na e com a escrita.

As estudantes relataram que viveram as aulas como espaço de construção de vínculos e proximidade, que funcionava também como suporte para o atravessamento do período pandêmico, com suas consequências de distanciamento social, além de permitir encontrar palavras para compartilhar as vivências desse período. Salientaram a importância do Caderno Coletivo – diário de campo da disciplina, feito a muitas mãos – como dispositivo de construção dessa rede de suporte e sustentação que emergiu dos encontros. Escrevíamos a data do encontro no caderno coletivo e, entre uma semana e outra, as estudantes incorporavam os textos referentes aos exercícios propostos, os comentários sobre a experiência e as referências que eram lembradas em nossos encontros.

Os exercícios permitiram uma maior aproximação também com a ação de escrever, que tem estado mais presente em seus cotidianos, exigindo o acolhimento de outras temporalidades, acompanhada do exercício de “ler-se” no processo da escrita. Eles contribuíram para a identificação de problemáticas singulares que se expressam na pesquisa de cada uma e para a atenção a outros elementos e perspectivas que compõem essa problemática e que antes não eram considerados.

“Durante os cinco encontros, pude estar mais com meus textos, conversar com eles [...] e aconteceu do pensamento se dar com/na escrita” (MPTO-FMUSP, 2021). Foi possível, assim, olhar as cenas vindas da experiência, decantá-las, significá-las de outras formas, “sair um pouquinho de si” (MPTO-FMUSP, 2021) e acessar um plano comum de produção de sentido, de forma que uma experiência própria pode se tornar uma questão de pesquisa e uma contribuição para o mundo, sem perder a ligação com o campo, a prática, a experiência. “Escrever é também um exercício de apego e desapego” (MPTO-FMUSP, 2021).

As estudantes contaram que estavam levando as experiências da disciplina para os serviços nos quais trabalham e para suas equipes, fazendo com que a escrita se aproximasse da prática profissional. No processo, resgatavam o cotidiano na pesquisa e inseriam a pesquisa no cotidiano, considerando que a escrita é uma ação que pode ter formas diversas, mas que tem sempre uma dimensão coletiva.

Nesse caminho, participavam de uma tendência no campo da terapia ocupacional crítica brasileira, na qual as narrativas tornaram-se procedimento para tocar e dar visibilidade à complexidade e à diversidade das questões trazidas pelos campos de prática, à importância do

A escrita como agenciamento: explorando linhas de minoração significado e ao valor da incerteza, bem como inteligibilidade ao saber da prática e ao saber da experiência (GALHEIGO, 2009).

A aproximação do trabalho clínico da Terapia Ocupacional à produção de narrativas faz convergir elementos para, simultaneamente, construir uma escuta em superposições (o encontro e o relato do encontro) e dar a ver e ouvir no espaço social esses modos de existência pouco vistos e escutados, para uma apreciação comum, reconhecendo a dimensão imponderável de narrar (INFORSATO; EDERLI, 2022, no prelo).

Podemos afirmar que a disciplina atravessou a experiência das estudantes com a escrita, sob a premissa de que a escrita se dá em sua condição de possibilidade e se relaciona a um campo de ideias, a um campo de práticas e a um campo político.

Os exercícios que propusemos buscaram desmanchar, dissolver formatações molares, trazer linhas moleculares, olhar para o que é minoritário (DELEUZE; GUATTARI, 1996). Exercícios de minorar a escrita, deixar o trabalho acontecer de um jeito imprevisto, por meio de deslizamentos mínimos, e buscar palavras para acercar-se do invisível nos quais a dimensão de invenção é ativada.

Nesse visitar e revisitar, escrever e reescrever tem sido possível se deslocar para o outro, para os outros. [...] E nesse processo de deslocamento para o outro, também me desloquei para dentro, para o que faz sentido visitar e revisitar, escrever e reescrever. (MPTO-FMUSP, 2021)

A minoração da escrita, indicada pelas marcas nesse processo, adveio do exercício com elementos secundarizados na forma acadêmica prescritiva, em que o protagonista é um elemento reiterado e previsível que impede colocar as situações-problema em análise e se impõe com exclusividade para ser tratado. Podar o protagonista-clichê, cortá-lo como elemento óbvio e imediato dos problemas de pesquisa fazendo aparecer elementos que normalmente não figuram como protagonistas, permitiu favorecer a procura, a dúvida, a dramatização do problema, sua intensificação. Nessas aulas, a minoração se deu pelo exercício mínimo de encontrar outros elementos analisadores, intercessores dos problemas que necessitam ser tratados pelas pesquisas, e poder contemplar a própria potencialização da escrita que disso decorre.

Referências

BENJAMIM, W. Experiência e Pobreza. *In*: BENJAMIM, W. **Walter Benjamin – Obras escolhidas**. Vol. 1. Magia e técnica, arte e política. Ensaio sobre literatura e história da cultura. Prefácio de Jeanne Marie Gagnebin. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 114-119.

CAMARGO, K. A. **Abuso sexual infantil – uma cartografia: silenciamento, testemunho, ressentimento, esquecimento**. 2016. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2016.

DELEUZE, G. **Conversações**. Tradução. Peter Pál Pelbart. São Paulo: Ed 34, 1992.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia**. Vol. 2. Tradução: Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. São Paulo: Ed. 34, 1995.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. Três novelas ou “o que se passou? *In*: DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs - capitalismo e esquizofrenia**. Vol. 3. Tradução: Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. São Paulo: Editora 34, 1996.

GALHEIGO S. M. Narrativas contemporâneas. **Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo**, v. 20, n. 1, p. 8-12, jan./abr. 2009

GODOY, A. **Quando a escrita engendra um meio de combate [ou como a educação devêm uma política de dissolução]**. (Comunicação em Simpósio) Primeras Jornadas Gilles Deleuze “Pensar con y desde el Arte”. Mar del Plata-Argentina: Universidad Nacional de Mar del Plata, 2011.

INFORSATO, E. A.; EDERLI G. P. **Elementos para uma narratividade em Terapia Ocupacional** - contribuições da escrita para a pesquisa na interface arte e clínica. Livro do IV Encontro Internacional de Reflexão sobre Práticas Artísticas Comunitárias (EIRPAC) - Práticas Artísticas e Risco no Contemporâneo. Porto, Portugal: Mexe/PELE, 2022 (no prelo).

KASTRUP, V. Pesquisar, formar, intervir. *In*: SIMPÓSIO DE PESQUISA E INTERCÂMBIO CIENTÍFICO EM PSICOLOGIA. XIII. **Anais**. Fortaleza: ANPEPP, 2010.

LARROSA, J. O ensaio e a escrita acadêmica. **Educação e Realidade**, UFRGS, v. 28, n. 2, 2003.

LIMA, E. A.; ARAGON, L. E. Agenciamento coletivo de clínica: conceitos se fazendo nos encontros. *In*: LIMA, E. A.; FERREIRA NETO, J. L.; ARAGON, L. E. **Subjetividade Contemporânea: desafios teóricos e metodológicos**. Curitiba: CRV, 2010, p. 129-148.

MACHADO, A. M. Quando a escrita toca a produção institucional em um trabalho de extensão universitária. Tese. (Livre Docência) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/T.47.2021.tde-15122021-115559>.

MACHADO, A. M.; FONSECA, P. F. A escrita endereçada como prática de formação e construção de realidade. **Mnemosine**, UERJ, v.15, n. 1, p. 4-22, 2019.

MACHADO, A. M.; HAHNE, B.; S. MARTINEZ, C. T. Enfrentando a escrita-em-dívida na formação de pesquisadores. **Movimento** - Revista de Educação, v. 7, n. 14, 2020.

A escrita como agenciamento: explorando linhas de minoração MPTO-FMUSP (Mestrado Profissional Terapia Ocupacional e Processos de Inclusão Social, da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo). **Caderno Coletivo**. Material de escrita coletiva produzido durante a disciplina MFT5734 Acompanhamento de Projetos de Pesquisa, set.-out., 2021.

NUNES, R. S. Considerações em torno de uma dedicatória. Texto-base da Conferência ao “Congresso Internacional 50 Anos depois da Pedagogia do Oprimido” (11 a 13 julho, 2018) na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto. **Psicologia Escolar e Educacional** [online], v. 22, n. 2, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2175-3539201802000>.

PRECIADO, P. B. La izquierda bajo la piel. Prefácio. In: ROLNIK, S. **Esferas da Insurreição** - notas para uma vida não cafetinada. São Paulo: n-1 edições, 2018.

RIBEIRO, C. R. **Um problema, um acontecimento: política e ética da pergunta-verbo**. 4to Congreso Latinoamericano de Filosofía de la Educación (10 a 13 de outubro de 2017), v. 4, 2017. Disponível em: <http://filosofiaeducacion.org/actas/index.php/act/article/view/276>.

ROLNIK, S. Pensamento, Corpo e Devir: uma perspectiva ético/estético/política no trabalho acadêmico. **Cadernos de Subjetividade** PUC-SP, São Paulo, vol. 1, n. 2, p. 241-251, 1993.

STENGERS, I. A proposição cosmopolítica. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, Brasil, n. 69, p. 442-464, abr. 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2316-901X.v0i69p442-464>.



Os direitos de licenciamento utilizados pela revista Educação em Foco é a licença *Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International* (CC BY-NC-SA 4.0)

Recebido em: 15/08/2022
Aprovado em: 18/10/2022